

Por Caroline Martin
Especial para *O Papel*



DIVULGAÇÃO IMD

BRASIL SOFRE QUINTA QUEDA CONSECUTIVA NO RANKING MUNDIAL DA COMPETITIVIDADE E CHEGA À SUA PIOR POSIÇÃO

O Índice de Competitividade Mundial 2015 (World Competitiveness Yearbook – WCY), divulgado em maio último pelo International Institute for Management Development (IMD) e pela Fundação Dom Cabral, apontou que o Brasil perde espaço no cenário internacional, com queda de posições pelo quinto ano consecutivo. O País ocupa agora a 56.ª colocação no ranking geral, caindo duas posições em relação a 2014. O resultado mostra que o Brasil só está à frente da Mongólia, Croácia, Argentina, Ucrânia e Venezuela, chegando à sua pior posição em toda a história do ranking.

Os Estados Unidos permaneceram no topo do ranking, seguidos por Hong Kong (2.º lugar), Cingapura (3.º) e Suíça (4.º). As demais nações que continuam como líderes são: Canadá (5.º), Luxemburgo (6.º), Noruega (7.º), Dinamarca (8.º), Suécia (9.º) e Alemanha (10.º), segundo a mais recente edição do ranking, que abrange 61 países. A avaliação ocorre considerando-se mais de 300 critérios, com base em dados estatísticos nacionais e internacionais, além de ampla pesquisa de opinião realizada com 6 mil executivos.

“A análise geral do ranking de 2015 mostra que os países mais fortes estão se voltando para o básico”, avalia o professor Arturo Bris, diretor do Centro de Competitividade Mundial do IMD. “Produtividade e eficiência estão comandando a competitividade. As empresas desses países dedicam seus esforços para minimizar o impacto ambiental e fornecer uma estrutura organizacional forte para a força de trabalho prosperar”. Nesta entrevista, Bris detalha outros aspectos que se destacam entre os países mais competitivos, avalia os erros cometidos por aqueles que buscam formas de fortalecer a própria competitividade e traça um diagnóstico da situação que leva o Brasil a apresentar quedas contínuas.

O Papel – Quais são os principais fatores que formam a competitividade de um país? Em outras palavras, quais são as características indispensáveis a um país que pretende ser competitivo?

Arturo Bris, diretor do Centro de Competitividade Mundial do IMD – É difícil elaborar uma lista definitiva de características, porque cada país tem diferentes pontos fortes e fracos. Devo salientar, porém, que o quadro analítico para definir o Índice de Competitividade Mundial dá uma ideia concreta dos aspectos priorizados pelos países com o objetivo de ampliar sua competitividade. Isso quer dizer que economias competitivas se concentram em quatro fatores fundamentais: desempenho da economia, eficiência em nível governamental e empresarial, bem como infraestrutura. No que se refere ao desempenho da economia, os países concentram-se nos aspectos macroeconômicos de sua performance por intermédio de fortalecimento da economia doméstica, comércio internacional, investimentos estrangeiros, taxas de desemprego e preços. Em termos de eficiência do governo, o objetivo é estabelecer políticas governamentais que favoreçam a competitividade. Para isso, a prioridade direciona-se a finanças públicas, política fiscal, enquadramento institucional, legislação empresarial e quadro social. Em eficiência de negócios, os países concentram-se na medida em que o ambiente nacional incentiva as empresas a atuar em um ambiente inovador, rentável e responsável. A esse respeito, países competitivos avançam em aspectos relacionados a produtividade e eficiência, mercado de trabalho, finanças, práticas de gestão, atitudes e valores que sustentam a competitividade. Finalmente, os países com elevados níveis de competitividade desenvolvem sua infraestrutura em termos básicos, como malha rodoviária, qualidade de transportes e acesso à água; tecnologia, o que inclui investimentos em telecomunicações e conectividade; questões científicas, a exemplo de maior investimento em pesquisa e desenvolvimento; eficácia do sistema de saúde e proteção do meio ambiente, bem como qualidade e eficácia da educação. Com isso, o objetivo final consiste em atender às necessidades das empresas.

O Papel – Com base nesses aspectos, em quais pontos o senhor visualiza as maiores fraquezas do Brasil? Por quais motivos o País vem apresentando quedas consecutivas no ranking mundial de competitividade?

Bris – A competitividade é dinâmica. Assim, as variáveis que limitam o avanço de um país em competitividade

mudam a cada ano. No caso do Brasil, os resultados que se destacaram neste ano foram:

- declínio no desempenho da economia, como resultado de desaquecimento da economia interna, o que pode ser visto, por exemplo, no crescimento real do PIB e do comércio internacional, além da queda do subfator “emprego”, como reflexo de um declínio nos níveis de geração emprego;
- em termos de eficiência do governo, queda do Brasil no subfator “finanças públicas”, como resultado do déficit orçamental e da dívida pública, fator que também traz resultados menos otimistas da pesquisa executiva em vários aspectos, incluindo adaptabilidade da política do governo, incentivos ao investimento e impacto da economia paralela no desenvolvimento econômico;
- tendências semelhantes relacionadas ao otimismo da opinião executiva, as quais afetam o fator de eficiência das empresas, valendo destacar que relações de trabalho, motivação dos trabalhadores, disputas industriais, estágios e quantidade de mão de obra qualificada disponível para satisfazer às demandas do mercado estão entre os indicadores que declinam este fator, valendo ressaltar que se observa o mesmo padrão pessimista no subfator “práticas de gestão e finanças”, particularmente em financiamento e regulação bancária, e ainda riscos financeiros;
- relativa estabilidade no fator de infraestrutura, com significativas melhorias no total de investimento em educação e no custo da eletricidade para os clientes industriais. (Em termos de infraestrutura básica, saúde e ambiente, vários indicadores caíram: acesso à água, fornecimento de energia no futuro, disponibilidade de assistência médica e preocupação com as emissões de CO₂, enquanto no subfator “tecnológico” se nota declínio no financiamento para o desenvolvimento tecnológico e exportações de alta tecnologia).

O Papel – Os motivos que fazem os demais países da América Latina também apresentarem quedas consecutivas são os mesmos ou há particularidades que se sobressaem em cada um deles?

Bris – Cada país tem diferentes pontos fortes e fracos. Os resultados na América Latina, portanto, variam. Vale a pena olhar para alguns exemplos. A Argentina caiu na classificação de 2015 principalmente por conta

Bris: “A competitividade precisa ser construída a partir de dentro, levando-se em conta os recursos e as competências disponíveis em cada economia”

do declínio do desempenho econômico e da baixa eficiência dos negócios. Na economia, é importante sublinhar a desaceleração do mercado doméstico. Além disso, o investimento internacional diminuiu significativamente, em particular em termos de fluxos de investimento direto, com a maior queda percebida em realocação da produção, instalações e serviços de pesquisa e desenvolvimento. Houve também piora no crescimento do emprego e no desemprego. A eficiência dos negócios do País estagnou como resultado do declínio financeiro. O México, por sua vez, melhorou no ranking deste ano, em parte como resultado de aumento de produtividade e eficiência. Embora existam significativas quedas em alguns dos subfatores avaliados, destaca-se o declínio do comércio internacional. No que se refere a investimento internacional, o México experimenta expressivas quedas em fluxos de investimento direto e carteira de ativos. Sobre a eficiência do governo, é importante ressaltar que o México caiu em política fiscal e enquadramento institucional. O declínio nesse último item resulta da percepção de executivos menos otimistas sobre a capacidade de adaptação da política do governo, a transparência e a existência de práticas relacionadas a suborno e corrupção. É possível, contudo, argumentar que em toda a região os resultados de 2015 destacam o impacto significativo da produtividade global sobre a eficiência das empresas e que todos mostram certo grau de declínio em comércio e investimento internacional.

O Papel – Quais aspectos vistos nos países que ocupam o topo do ranking mundial de competitividade poderiam servir de bons exemplos práticos ao Brasil?

Bris – Os países mais competitivos se esforçam para definir um ambiente que permite às empresas criar valor sustentável, que é a capacidade de gerar valor em longo prazo, minimizando os impactos negativos (ambientais, inclusive) e maximizando as externalidades positivas de sua atividade diária, como aumento do bem-estar para sua força de trabalho.

O Papel – Diante do cenário atual que engloba o Brasil, com inúmeras dificuldades acarretadas pela desaceleração da economia, medidas de curto prazo para fortalecer a competitividade poderiam surtir efeito positivo? Se sim, quais?

Bris – Sim, algumas medidas de curto prazo são capazes de levar a resultados positivos. O estudo mostra, por exemplo, o declínio na percepção dos executivos sobre a motivação dos trabalhadores. Para mudar essa tendência em curto prazo, os programas de desenvolvimento pessoal, como os que permitem à força de trabalho ampliar suas habilidades/competências, iriam aumentar o bem-estar dos colaboradores e, assim, a motivação. Em última análise, com mais motivação dos trabalhadores, haverá impactos positivos sobre a produtividade e, logo, na eficiência do negócio. É válido ponderar que medidas de curto prazo, no entanto, podem ser possíveis e impactantes em nível micro. Em nível estrutural, tais correções costumam ter efeito limitado.

O Papel – Quais são os maiores desafios envolvidos nessa busca contínua por incrementos da competitividade de um país?

Bris – É difícil apresentar uma “fórmula” geral para o aumento da competitividade. No caso do Brasil, as melhorias são essenciais em todos os indicadores relacionados à competitividade. Tais indicadores incluem:

- desempenho da economia: comércio em relação ao PIB, exportação de mercadorias, receitas do turismo e exportações de serviços comerciais;
- eficiência do governo: barreiras tarifárias, impostos corporativos reais, burocracia, suborno e corrupção;
- eficiência empresarial: produtividade da força de trabalho (é competitiva para padrões internacionais?), pequenas e médias empresas (são eficientes para os padrões internacionais?), mão de obra qualificada (está prontamente disponível?) e habilidades financeiras;
- infraestrutura: gestão logística, acesso à água, leis ambientais, estudo de ciência nas escolas e sistema educacional como um todo.

O Papel – Quais costumam ser os principais erros cometidos nesse processo evolutivo?

Bris – O principal erro está em adotar políticas de competitividade bem-sucedidas em outros países ou regiões, mas que não refletem necessariamente a realidade e as peculiaridades do país receptor. A competitividade precisa ser construída a partir de dentro, levando-se em conta os recursos e as competências disponíveis em cada economia. O objetivo deve ser o de alcançar equilíbrio entre os pontos fortes e fracos do país. Em outras palavras, o desafio consiste em reforçar os pontos fortes, enquanto avançam os aspectos a demonstrar certo grau de fraqueza.

O Papel – Pensando mais em longo prazo, as formas de um país se manter competitivo tendem a tornar-se mais desafiadoras? Quais são as tendências previstas para os próximos anos em termos de competitividade?

Bris – Tendências futuras da competitividade podem evoluir com o esforço dos países para facilitar a criação de valor sustentável. As empresas vão esforçar-se para maximizar as externalidades positivas que emanam de suas atividades diárias, por exemplo, auxiliando para aumentar o bem-estar de seus funcionários por meio do equilíbrio entre trabalho e vida familiar. Com isso, os governos tentarão aumentar os aspectos sociais que apoiam o bem-estar da força de trabalho, a partir da elevação da qualidade do sistema de educação e da promoção da qualidade de vida. Além disso, a busca por uma criação de valor sustentável levará governos e empresas a incentivar práticas de negócios que inovam, minimizando quaisquer externalidades negativas, a exemplo das medidas em prol da redução da intensidade do consumo de energia e emissões de CO₂. ■